

Histórico encontro de Lusaka entre Chissano e veteranos do ANC

por Fernando Gonçalves, da AIM, especial para o "Notícias"

A margem da cimeira da Linha da Frente, realizada semana passada na capital zambiana, teve lugar um acontecimento que não deixará de reclamar o seu lugar nos anais da história da África Austral.

O cenário desenrola-se no próspero subúrbio conhecido por «Mulungushi Village», nos arredores de Lusaka. Terminada a cimeira dos «Seis», realizada a pedido do ANC e destinada quase exclusivamente a debater as últimas propostas para as negociações na África do Sul, o Presidente Joaquim Chissano convidou os sete líderes nacionalistas libertados o ano passado da prisão na África do Sul.

Sempre liderados por Walter Sisulu, acompanhado de sua esposa, Albertina, a equipa de veteranos incluía também Govan Mbeki, Elias Motsoaledi, Andrew Mlangeni, e ainda o Secretário-Geral do Partido Comunista da África do Sul, Joe Slovo.

Não foi nenhum encontro formal, tendo sido marcado pela ausência dos habituais discursos de protocolo, regidos por escritos e rescritos pelos assessores e aprovados pelos dirigentes.

Chissano e Sisulu falaram. Afirmando o Presidente moçambicano que a pequena concentração simbolizava a unidade entre os povos de Moçambique e da África do Sul, ligados por séculos de luta comum contra a opressão colonial e racista.

O líder moçambicano acrescentou que não era uma unidade abstracta, que se tratava de uma realidade. Para elucidar as suas palavras, disse que recentemente numa recepção de fim de ano em Maputo tinha estado com emigrantes moçambicanos na África do Sul, a maior parte das mulheres das quais cidadãos sul-africanos, que em ocasiões festivas entoaram cantos revolucionários da África do Sul.

Para Sisulu, a quem a idade dos 77 anos dos quais 25 passados na privação, mas sem lhe tirar a lucidez, a vitória da Frelimo em Moçambique e do MPLA em Angola tinham servido de fonte de inspiração para continuar a

luta na África do Sul, cuja vitória parece não estar muito distante. Contou episódios de como na prisão não se podia receber nenhuma literatura que pudesse dar uma imagem do que se passava «lá fora».

«Só muito recentemente passamos a ter acesso a jornais e a televisão», contou Sisulu, lembrando também o dia em que as autoridades, não dando importância a uma jornal de língua afrikaner, este deu entrada na prisão, dando-lhe uma informação sobre a situação do movimento de libertação na África Austral.

Este detalhe poderá ser o reflexo da estrutura dos meios de comunicação de massas na África do Sul, onde os de língua afrikaner são geralmente vistos como aliados naturais do regime.

A noite de Lusaka, se assim a podemos chamar, foi uma que não deixará de ser lembrada por quem a tenha presenciado. Há homens que fazem a história... e a história da África do Sul, quando a verdadeira história daquele país for escrita com honestidade, os nomes daqueles homens que eu vi, com cabeças parecendo de neve, não deixarão certamente de figurar como aqueles cuja acção abriu a grande madrugada da libertação na África Austral e na própria África do Sul.

Todos de pés, os presentes no encontro acompanharam Chissano no hino «Hosi sikelela África», de punho erguido, que neste momento é o hino do ANC e de muitas nações independentes de África.

Histórias (verdadeiras) das décadas passadas, quando nacionalistas de Moçambique e da África do Sul se conheceram, foram cruzando a sala. Slovo deu a história do jovem negro moçambicano que no Botswana lhe pediu uma boleia para se «juntar à FRELIMO em Dar-es-Salaam». Era Samora Machel.

O encontro de segunda-feira foi uma etapa remarcável na história da região, que olha agora para a ponta mais meridional do continente. O Cabo, à espera pela libertação de Nelson Mandela. E nessa altura, Johnny Clegg e os seus oito mil jovens brancos não mais precisarão de cantar: «Asibonanga Nelson Mandela» (não vemos Nelson Mandela).

29-01-90
NOTÍCIAS